

ORGANIZADORES

ANA CLÁUDIA NÉRI BASTOS

EDER JOSÉ DE LIMA

Angélica Cristina Alves da Silva

Claudia Dias Barbosa

Claudia Walkiria Faria de Souza

Erica Batista da Silva

Luzia Marques do Carmo

Maria Conceição Cerqueira Caldas Oliveira

EDUCAÇÃO INFANTIL: AMBIENTE ALFABETIZADOR

1ª EDIÇÃO



ISBN 978-65-84809-13-0

2022

1ª edição

ORGANIZADORES

ANA CLÁUDIA NÉRI BASTOS
EDER JOSÉ DE LIMA

AUTORAS

Angélica Cristina Alves da Silva
Claudia Dias Barbosa
Claudia Walkiria Faria de Souza
Erica Batista da Silva
Luzia Marques do Carmo
Maria Conceição Cerqueira Caldas Oliveira

EDUCAÇÃO INFANTIL: AMBIENTE ALFABETIZADOR

ISBN 978-65-84809-13-0

2022

ISBN: 978-65-84809-13-0

CBL



9 786584 809130

 <http://periodicorease.pro.br/>

 contato@periodicorease.pro.br

 +55(11) 94920-0020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 Educação infantil [livro eletrônico] : ambiente alfabetizador /
Organizadores Ana Cláudia Néri Bastos, Eder José de Lima. –
São Paulo, SP: Ed. do Autor, 2022.
58 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-84809-13-0

1. Educação infantil. 2. Prática de ensino. 3. Professores –
Formação. I. Bastos, Ana Cláudia Néri. II. Lima, Eder José de.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

1ª Edição - Copyright© 2022 dos autores.

Direito de Edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

Editora-Chefe Dra. Patrícia S. Ribeiro

Revisão Os autores

Projeto Gráfico Ana Cláudia Néri Bastos/ Talita Tainá Pereira Batista

Conselho Editorial Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

José Fajardo, Fundação Getúlio Vargas

Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

María Valeria Albardonedo, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

Apresentação

Este livro tem como objetivo ilustrar a importância da educação infantil na vida escolar dos alunos e como esse espaço pode se tornar um ambiente letrado. Afirmamos a importância da harmonia entre a educação infantil e a alfabetização e a atuação efetiva dos alfabetizadores, introduzindo a leitura e a escrita nesta importante etapa.

A democratização dos planos de aula, a reflexão sobre a realidade concreta dos alunos, a prática do diálogo, a elaboração coletiva do conhecimento e a construção da consciência crítica são temas de reflexão e estão envolvidos na formulação de questões e no diálogo com os respondentes. A libertação pode ser verificada a distância entre a presunção pedagógica e a prática dos educadores estudados.

O processo educacional parece colocar a leitura, a escrita e a realização de cálculos matemáticos básicos como prioridades básicas. Este livro também nos mostrou a enorme dificuldade de introduzir e agregar ambientes de alfabetização.

As autoras

SUMARIO

INTRODUÇÃO	09
CAPITULO 01: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	14
CAPITULO 02: A EDUCAÇÃO INFANTIL E FUTUROS LEITORES	25
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	55

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica e visa o desenvolvimento integral físico, mental, intelectual e social das crianças menores de seis anos, complementando a ação familiar e comunitária. Também é chamada de educação infantil, jardim de infância ou educação pré-escolar. Ao determinar os limites entre creche e pré-escola, ou entre pré-escola e ensino fundamental, há alguns critérios a serem considerados: a natureza educacional do programa, se é baseado ou não em uma escola ou centro com equipamentos especiais, a qualificação do professor e faixa-etária da criança.

Nessa fase, inicia-se a jornada da criança para o ambiente escolar. Como em qualquer começo, pode ser muito difícil tanto para as crianças quanto para os pais. É aqui que os professores/educadores se tornam importantes. Esta fase não deve ser traumática, mas memorável.

De acordo com a Seção II da LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, na primeira etapa da educação básica, os educadores devem proporcionar atividades que desenvolvam os aspectos cognitivos, emocionais, psicomotores e sociais das crianças.

Os objetivos da educação infantil devem visar o desenvolvimento físico, emocional, social e intelectual das crianças, com o objetivo de desenvolver sua autonomia, autocontrole e confiança na auto expressão e comunicação.

Vygotsky (1989) introduziu seu conceito de que a sala de aula deve ser vista como um lugar privilegiado onde o conhecimento deve ser comunicado entre professores e alunos. Durante essa interação, todos devem ter a

oportunidade de expressar suas opiniões e pensamentos, e as ideias devem ser levadas em consideração, mesmo para as crianças de cinco anos. Por meio desse processo dinâmico, o conhecimento pode ser construído.

O presente livro investigará o impacto desta fase inicial na vida e no seu desenvolvimento.

Quando se trata de uma escola de qualidade, temos que mencionar a importante etapa da alfabetização, que é uma etapa posterior à educação infantil. Devemos levar em conta que, para ser alfabetizada, a criança deve ter estima, e precisa estar de bom humor. É importante sentir-se seguro e apto a enfrentar qualquer dificuldade que possa encontrar em sua jornada de alfabetização. No entanto, muitas escolas se concentram apenas na alfabetização e não dão muita ênfase ao desenvolvimento da preparação. Não devemos pensar na educação infantil apenas como um lugar para brincar, ou um lugar onde as mães deixam seus filhos para irem ao trabalho.

É no início da educação de uma criança que ela terá sua primeira exposição ao processo de aprendizagem que será a base de todos os seus anos escolares futuros. Esse período é valioso, é por meio da educação infantil que vemos as crianças se interessarem muito por vários assuntos importantes. Os professores devem aproveitar esse interesse e estimular a leitura e a escrita, apresentando-os de forma natural com os livros e histórias em quadrinhos que esses alunos compartilham.

Por outro lado, é preciso pensar que se a escola não tem o apoio necessário da família, não pode funcionar direito porque a escola e a família têm que caminhar juntas e se ajudar. As famílias devem incentivar suas crianças, ajudar nas tarefas, participar de reuniões, manter contato com os professores e se interessar pela vida escolar de seus pequenos.

Quando os pais valorizam as práticas educativas, eles dão um bom exemplo para seus filhos; desde cedo, seu filho é capaz de ter um comportamento positivo nesse ambiente escolar.

A educação informal é o que você aprende com a família ou amigos em sua vida cotidiana. As regras de interação social também são aprendidas lá, e essas regras são ensinadas pelos pais; a educação formal ou acadêmica é uma função da escola, uma continuação da educação em casa. No entanto, pais que apresentam algum tipo de dificuldade ou não dão a atenção necessária a essa etapa da educação podem ter impacto e influência negativa. Portanto, este estudo também teve como objetivo investigar essas relações entre pais e filhos.

Freire (1998), tenta salvar o verdadeiro papel das escolas. Para ele, ser professor é mais do que apenas ser babá ou um substituto para ser pai. A educação é mais do que ensinar boas maneiras, ler e escrever. Trata-se de conscientizar, criticar e formar a cidadania em cada aluno.

Para Piaget (1974), a criança é considerada um ser dinâmico que sempre interage com a realidade, interagindo ativamente com objetos e pessoas. Essa interação com o ambiente permite que ele construa estruturas mentais e adquira os meios para fazê-las funcionar. É por meio dessa interação com o meio que ela consegue aprender, o que ocorre por assimilação e adaptação, e com base nesses pressupostos, a educação deve permitir o desenvolvimento amplo e dinâmico da criança desde as fases sensório-motora até as operatórias abstratas.

A Pedagogia Libertadora proposta por Paulo Freire (1987) estava enraizada no contexto socioeconômico do Brasil da época. Igualmente influenciado pelo estado de pobreza individual, o autor reflete sobre os rumos

da educação em um ambiente de exclusão social, autoritarismo político e gritante desigualdade.

Freire (1987) reconheceu que a alfabetização por si só não é suficiente para promover a libertação do analfabeto. Ele entendeu que a educação deve ser uma ferramenta para a mudança social. Para isso, o ensino deve fomentar uma consciência crítica que permita aos alunos agirem como cidadãos em busca da mudança social.

Por meio dessa perspectiva, percebemos que a educação no Brasil, principalmente no período inicial, era excludente, escravista e autoritária. O acesso à educação ainda depende dos recursos financeiros das pessoas. Os pobres recebem educação de segunda classe. As elites, por outro lado, possuem várias condições para adquirir conhecimento.

Como já mencionado, este cenário dramático de desigualdade em que nos encontramos é construído sobre um sistema perverso de distribuição de renda nacional que nos coloca na pior posição do mundo hoje em mais de uma centena de países (PNUD - 2004).

Precisamos nos libertar do processo pelo qual passamos na alfabetização e ir além dos conhecimentos técnicos de leitura, escrita e matemática. Como educadores, enfrentamos a difícil tarefa de realizar uma análise crítica da realidade ao nosso redor, apresentando a experiência de cada aluno e sua realidade, e capacitando-os para superar as limitações ambientais e a baixa autoestima causadas pela exclusão social das brochuras tradicionais.

Acontece que essa nova forma de alfabetização está introduzindo a alfabetização na educação infantil, apesar de se mostrar difícil.

A Pedagogia Libertadora de Freire não encontrou um ambiente propício para seu desenvolvimento, pois buscava igualdade de oportunidades e justiça social.

O governante parece não se importar com a alfabetização que possa libertar o indivíduo da ignorância, pois por meio dessa consciência crítica e de sua perspicácia, o indivíduo passará a cobrá-los para reflexão e análise de seu voto. O que vemos hoje é um cidadão quase sempre adaptável, recebendo passivamente a educação de segunda classe que o governo lhe proporciona. Mas Freire criou para eles a Pedagogia Libertadora. Diante dessa realidade, este livro objetiva examinar as evidências de uma possível intenção instrucional e das práticas específicas de alfabetizadores.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Figura 01: Educação Infantil



Fonte: <https://www.google.com>

O estágio de desenvolvimento humano tem impacto no processo de ensino. Este desenvolvimento começa no ventre da mãe e continua ao longo da vida. Na escola, ela aprende o conteúdo acadêmico e também é influenciada pelo ambiente.

Muitas crianças encontram certas dificuldades relacionadas a esses conteúdos em sua aprendizagem, principalmente no período de alfabetização.

Essas dificuldades podem estar relacionadas a diversos fatores, como: estímulos instáveis, problemas neurológicos, condições físicas e emocionais.

Cada criança tem seu próprio tempo de estudo. Se a criança tem muitas exigências no ambiente, devemos ficar atentos, pois isso pode interferir no aprendizado da criança. Neste momento, reconhecemos claramente a importância e o papel da educação infantil, pois é nesta fase que as crianças devem ser motivadas e preparadas para a alfabetização. É neste momento que podemos trabalhar os pré-requisitos cognitivos, motores e afetivos/sociais.

A educação infantil é uma etapa muito importante que requer cuidados especiais. Esse cuidado deve partir dos pais e responsáveis, coordenadores instrucionais e professores.

Os pais e responsáveis devem entender o ambiente escolar como um ambiente de alfabetização; os coordenadores precisam introduzir um programa de ensino político na educação infantil para descrevê-lo como um ambiente de alfabetização; os professores devem estar no contexto de vida de cada aluno. observando esses alunos e valorizando suas experiências, essa criança trouxe tudo desde o nascimento, pois não pode ser considerada a história de uma pessoa que nada sabe, mas tem vida.

[...] sabemos, que é crucial o contexto de vida das crianças com quem trabalhamos para o processo de construção de um currículo. Entendemos também que uma compreensão mais aprofundada de quem são as crianças e de como constroem conhecimentos é obtida com a realização de cada trabalho e com o desenvolvimento de pesquisas relacionadas às crianças e aos fatores sociais e culturais que as influenciam na construção de seus conhecimentos” (KRAMER, 1989, p. 39).

O objetivo da educação infantil deve ser o desenvolvimento infantil. Não se trata apenas de desenvolvimento físico, mas também de uma

consciência crítica da autonomia da criança. Sabemos que no início da vida somos capazes de produzir todo tipo de conhecimento, dependendo do contexto em que estaremos inseridos.

[...] entendemos que há determinados parâmetros psicológicos que orientam o desenvolvimento de todas as crianças. Sabemos, por outro lado, que a situação sociocultural e as condições econômicas em que vivem as crianças, além do sexo e da etnia, exercem uma forte influência sobre elas e sobre os conhecimentos que constroem (KRAMER, 1989, p. 39).

A educação infantil é um princípio da educação escolar, ela pode ser usada para desenvolver o interesse por muitos assuntos importantes. Uma delas é o interesse em ler e ler para ter um cidadão consciente e autônomo.

Desde cedo, as crianças convivem com diferentes formas de informação produzidas e interpretadas pelos adultos, incluindo jornais, televisão, cartazes que veem. Para que a criança tenha uma melhor compreensão de tudo em sua vida, ela precisa ter contatos tanto fora quanto dentro da escola e, para isso, é necessário apresentar todo material escrito possível em sala de aula.

Como nos afirma Emília Ferreiro: “Em cada classe de alfabetização deve haver um “canto ou área de leitura” onde se encontrem não só livros bem editados e bem ilustrados, como qualquer material que contenha escrita [...]” (FERREIRO, 2002, p. 33).

Dessa forma, ela foi exposta ao material escrito e percebeu o que estava vivendo no mundo, então ela naturalmente se alfabetizou, e o estímulo à pré-leitura e pré-escrita foi muito importante.

De acordo com Teberosky (2005), o ambiente alfabetizador “é aquele em que há uma cultura letrada, com livros, textos digitais ou em papel, um mundo de escritos que circulam socialmente. A comunidade que usa a todo

momento esses escritos, que faz circular as idéias que eles contêm, é chamada alfabetizadora”.

Desta forma, é mais fácil para as crianças aprenderem sobre o ambiente escolar desde o início e interagir com o ambiente educacional ao longo de sua vida escolar. A aprendizagem na educação infantil deve começar com uma orientação pedagógica baseada no princípio do respeito ao meio social em que a criança vive e da valorização do saber, aquele que traz para a escola.

Os profissionais que trabalham com essas crianças precisam perceber que seu trabalho é preparar essas crianças não apenas para a primeira série, mas para o resto de suas vidas, pois de zero a seis anos a base é a base para todo aprendizado futuro.

1.1 O papel da escola

A função da escola na sociedade tem a finalidade de instruir os alunos, dar a formação acadêmica. De acordo com a LDB, Lei 9.394/96, a educação básica deve ser obrigatória em todo o estado nacional.

Isso inclui também a educação infantil, em sua seção II artigo 29 cita:

A educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Para Kramer (1989, p. 19), “a escola tem a função de contribuir, junto com as demais instâncias da vida social, para as transformações necessárias no sentido de tornar a sociedade brasileira mais democrática”.

As crianças, mesmo desde a mais tenra idade, são indivíduos que vivem em sociedade; sabendo disso, temos a certeza de que diferem em vários aspectos e características. Não podemos ignorar suas diferenças, mas sim usar

esse aspecto para introduzir essas crianças em assuntos de seu interesse no currículo escolar, começando pela educação infantil. Desta forma, vamos valorizar esses indivíduos e seus desejos e interesses.

A partir dessa pesquisa, surge uma importante questão: é divertido introduzir a alfabetização na educação infantil?

[...] alguns educadores receiam a antecipação de práticas pedagógicas tradicionais do Ensino Fundamental antes dos 6 anos (exercícios de prontidão, cópia e memorização) e a perda do lúdico. Como se a escrita entrasse por uma porta e as atividades com outras linguagens (música, brincadeira, desenho etc.) saíssem por outra. Por outro lado, há quem valorize a presença da cultura escrita na Educação Infantil por entender que para o processo de alfabetização é importante a criança ter familiaridade com o mundo dos textos (SCARPA, 2006, p. 66).

De qualquer forma, podemos perceber que a leitura foi introduzida na educação infantil, quando vemos os professores lendo histórias e lendo livros para as crianças, mesmo de formas mais distantes. Temos contradições aí. Por que não deixar as crianças tocarem nos livros? Algumas pessoas têm medo de rasgar ou rabiscar os livros. Essa exposição aos livros é muito importante, pois através dela podemos gerar interesse pela leitura em nossos alunos.

Ao democratizar o acesso à cultura escrita, ela contribui para minimizar diferenças sócio-culturais. Para que os alunos aprendam a ler e a escrever, é preciso que participem de atos de leitura e escrita desde o início da escolarização. Se a Educação Infantil cumprir seu papel, envolvendo os pequenos em atividades que os façam pensar e compreender a escrita, no final dessa etapa eles estarão naturalmente alfabetizados (aptos a dar passos mais ousados em seus papéis de leitores e escritores) (SCARPA, 2006, p. 66).

Em suma, podemos dizer que a escola desempenha um papel muito maior do que a realidade nos mostra; introduzir a alfabetização na educação infantil é possível, sim, e muito interessante.

1.2 Tendências Pedagógicas na Educação Infantil

Kramer (1989) identifica três tendências predominantes no Brasil:

- **Tendência romântica** - É aquela que apresenta a pré-escola como um “jardim de infância”, onde a criança é “sementinha” ou “plantinha” que brota e a professora é a “jardineira”;
- **Tendência cognitiva** – Tem a base psicogenética, que enfatiza a construção do pensamento infantil no desenvolvimento da inteligência e na autonomia;
- **Tendência crítica** – Vê a pré-escola como lugar de trabalho coletivo, reconhece no professor e nas crianças sua condição de cidadãos, e atribui à educação o papel de contribuir para a transformação social.

Tendência Romântica

Na Nasceu no século XVIII com o advento do próprio jardim de infância. Este é o momento de começar a desenvolver interesse e apreço pelas necessidades das crianças. Depois, há mais ênfase no brincar e no desenvolvimento natural da pessoa, o que é diferente nas chamadas escolas tradicionais.

Essa tendência pré-escolar é vista como jardim de infância, crianças como plantinhas e professores como jardineiros que precisam cuidar do jardim.

Fröebel (1782-1852) defendeu a importância do simbolismo infantil. Segundo ele, a disposição lúdica é um fator decisivo na aprendizagem das crianças. Brinquedos de canto, histórias, artes plásticas, pintura, recorte e colagem e construção, observação da natureza e jardinagem são atividades básicas.

Decroly (1871-1932) enfatizou a necessidade de os humanos se comunicarem com o ambiente em que vivem. Para ele, as crianças vivenciam três momentos: observação, associação no tempo e no espaço e, finalmente, expressão. Decroly acha que as salas de aula estarão em todos os lugares.

Montessori (1870-1952) defendeu a importância das escolas positivas. Ele disse que a criança absorve tudo no meio. Segundo ele, o mobiliário é adequado para as crianças da escola, acredita que isso dificultará o isolamento. O método Montessori foi originalmente criado para crianças especiais e mais tarde foi aplicado a crianças "normais".

Claramente, as contribuições desses educadores são importantes para a história da educação infantil, mas devemos reconhecer as limitações e criticar construtivamente.

Ao contrário da sugestão de Froebel e De Crowley, o método Montessori é intelectualmente fragmentado porque suas atividades são basicamente apresentadas em livros didáticos específicos para cada finalidade. Em vez de usar objetos da vida real, eles são produzidos artificialmente. Na abordagem de Froebel, no entanto, pode-se criticar a noção positivista de que a atividade leva espontaneamente ao conhecimento. Em Decroly, a crítica será porque as 20 necessidades são para adultos e não para crianças. O objetivo continuará sendo propor atividades da "experiência" à abstração.

Indiscutivelmente, no Brasil, essa tendência começou com o movimento Escola Nova nas décadas de 1920 e 1930 e ainda hoje é amplamente utilizada em escolas públicas e privadas.

Tendência Cognitiva

Essa tendência foi amplamente inspirada por Jean Piaget (1896-1980), que examinou o processo de construção do conhecimento. Piaget estudou o "conhecimento clínico" que nos permite compreender como as crianças pensam e como constroem conceitos sobre o mundo físico e social.

O construtivismo é um dos pressupostos básicos da teoria de Piaget e um dos fatores que afetam o desenvolvimento infantil. Para ele, as crianças são o resultado de seu ambiente. Isso acontece por meio de dois processos: assimilação e adaptação. Piaget propôs uma sequência de etapas: sensório-motor, pré-operação, operação concreta e operação abstrata.

Estes são influenciados por:

Maturidade - o crescimento biológico dos órgãos; exercício - o programa e funcionamento dos órgãos, o que significa a formação de hábitos; aprendizagem social - a aquisição e equilíbrio de valores, linguagem, costumes e padrões culturais e sociais - o processo de autorregulação dentro do organismo, que se constitui pela busca constante de reequilíbrio após cada encontro com um desequilíbrio.

Com base nisso, as escolas devem apoiar e promover a construção do conhecimento, sendo o corpo principal atuante. Com isso em mente, essa educação deve formar cidadãos críticos e atuantes. Diferentemente da pedagogia tradicional, a interdisciplinaridade é considerada um tema central dessa tendência.

Piaget não propôs métodos de ensino, em vez disso, realizou inúmeras pesquisas, e psicólogos e educadores analisaram seus resultados. A obra de Emília Ferreiro é reconhecida como uma continuação da obra de Piaget. Sua

pesquisa contribuiu muito para o problema da alfabetização e para a compreensão do processo sistemático de aprendizagem da linguagem escrita.

A teoria de Emília Ferreiro nasce no bojo da América Latina, onde a evasão e a retenção escolares progridem de forma alarmante. Como uma importante saída para essa problemática, repensa o processo de aquisição da escrita e da leitura. A autora pesquisou a psicogênese da língua escrita, verificando que as atividades de interpretação e de produção da escrita começam antes da escolarização, e que a aprendizagem dessa escrita se insere em um sistema de concepções, elaborado pelo próprio educando, cujo aprendizado não pode ser reduzido a um conjunto de técnicas perceptivo-motoras (GADOTTI, 2004, p. 224 e 225).

A análise teórica de Emilia Ferrero não é o objetivo deste artigo, porém vale destacar a contribuição metodológica de inestimável valor no trabalho de alfabetização, ela também passou a enfrentar evasão nas Américas e na América Latina, detectando traços visíveis da exclusão da sociedade, embora a taxa do fracasso escolar das crianças segue as estatísticas sobre a pobreza e o desemprego em massa.

Essa proposta de educação emancipatória será explicada de forma simples e direta pelo aspecto pedagógico-pedagógico. Com base em alguns pensamentos da pesquisadora, vemos claras preocupações políticas em todo o seu trabalho:

A democracia, esta forma de governo na qual todos apostamos, demanda, requer, exige indivíduos alfabetizados. O exercício pleno da democracia é incompatível com o analfabetismo dos cidadãos. A democracia plena é impossível sem níveis de alfabetização acima do mínimo da soletração e da assinatura. Não é possível continuar apostando na democracia sem realizar os esforços necessários para aumentar o número de leitores (leitores plenos, não decifradores)” (FERREIRO, 2002, p. 18).

Pode-se dizer que essa democracia não é completamente “democrática” sem alfabetização, e devemos nos esforçar para alfabetizar e

libertá-los da ignorância e das condições de vida de opressão e exclusão, que são a marca trágica do analfabetismo brasileiro.

Tendência crítica

Essa é uma discussão recente no Brasil, sugerida por Celestin Freinet (1896-1966). Para ele, a personalidade humana se constrói no confronto dialético com o mundo e com as outras pessoas. Segundo ele, as escolas tradicionais são "inimigas do tatear experimental", fechadas e contra a criatividade, a descoberta, o interesse e a diversão das crianças. Para Freinet (1991), os próprios professores devem modificar a educação de acordo com o que é necessário e o que eles acham que deve ser feito.

Uma escola centrada na criança, como parte de uma comunidade, tem direitos e obrigações, e erros são cometidos dentro desses direitos. Esta escola deve ser uma escola popular, ou seja, para os filhos do povo, onde não se sintam discriminados ou excluídos pela sua situação social.

Freinet (1991) questionou o dever de casa baseado na repetição e também se opôs ao fornecimento do recreio, pois acreditava que era uma válvula de escape para as crianças após o trabalho árduo. Ele recomenda atividades lúdicas nas escolas populares para estimular a energia. Freinet enfatizou a importância do envolvimento da família na comunidade e na escola. Ele defendeu as opiniões dadas pelas crianças.

Entre suas recomendações pedagógicas, podemos citar principalmente as caminhadas em sala de aula; desenho livre e texto livre; correspondência intercolegial; jornais; o livro da vida, em que os alunos contam o que aconteceu como se fosse um diário. Tudo isso deve ser apresentado aos alunos de forma agradável.

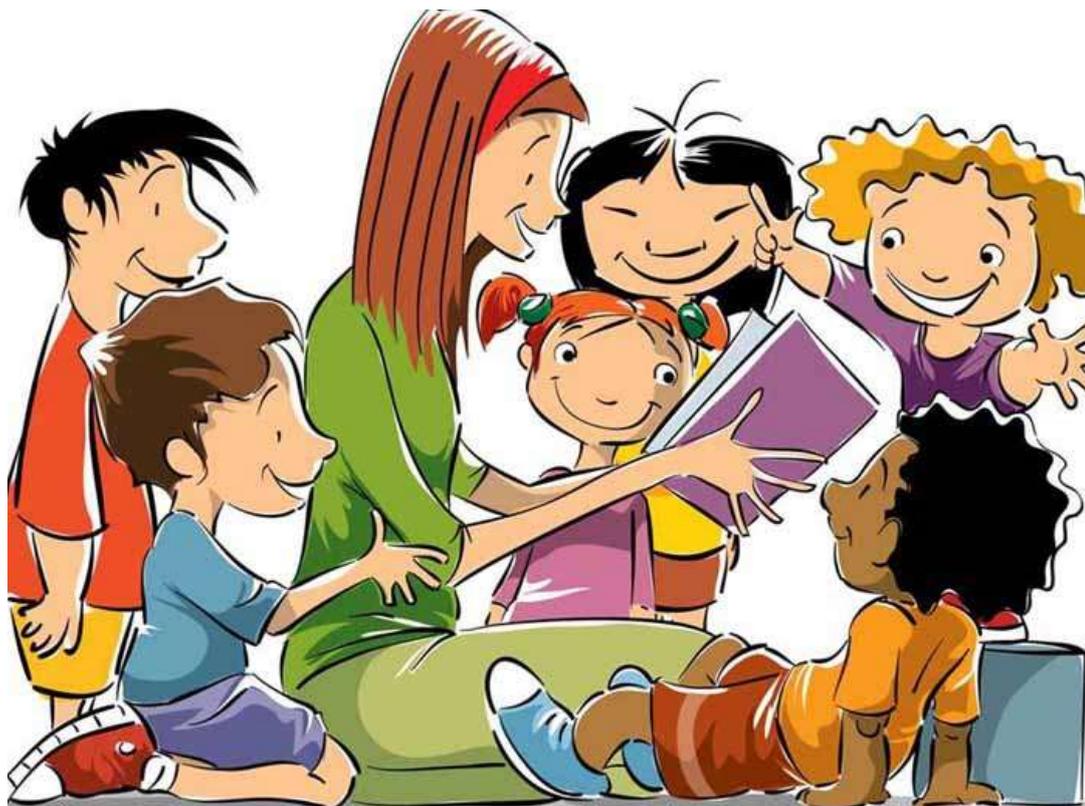
A avaliação deve ser conduzida em três níveis: individual, colaborativo e conduzido pelo professor.

A escola deveria ser um lugar onde as crianças se divertem, mas além disso, muitas vezes é um lugar onde aprender se torna um trabalho cansativo, pois as responsabilidades não atraem os alunos, mas devem ser repetidas. Por outro lado, o recreio não é uma sugestão de inteligência, mas dá às crianças a chance de fazer uma pausa na sala de aula.

Assim como Freinet (1991), nós educadores devemos ouvir e, portanto, capitalizar as ideias apresentadas pelas crianças; suas sugestões didáticas devem ser introduzidas no ambiente escolar, pois através delas as escolas deixarão de ser monótonas.

A EDUCAÇÃO INFANTIL E FUTUROS LEITORES

Figura 02: Atividades de leitura infantil para utilizar em casa e na escola



Fonte: <https://www.google.com>

A partir do jardim de infância, é responsabilidade de cada professor incentivar o desenvolvimento de comportamentos de leitura antes que as aulas sejam formalmente ensinadas a ler. Comentar ou recomendar alguns textos, compartilhar leituras de livros, comparar pensamentos e opiniões sobre notícias e artigos com outros tudo isso ajuda a estabelecer o gosto, identificar a finalidade do material escrito, identificar-se com o autor ou distanciar-se dele, tomar uma posição crítica. Em todo o mundo, as crianças que vivem em ambientes letrados (ou seja, ambientes em que as pessoas frequentemente utilizam o ato de ler e escrever) têm a oportunidade de acumular

naturalmente esse conhecimento, imitando o comportamento de parentes e amigos. Por outro lado, quem não convive com as “letras” precisa (muito) de ajuda da escola. A verdade é que esta ainda não é a realidade do nosso país.

É importante iniciar o trabalho da leitura na educação infantil. Além de aproximar as crianças do mundo da literatura, a leitura estimula a imaginação e incorpora a experiência em jogos, desenhos e histórias que toda criança pequena adora contar. Os bebês costumam ser vistos segurando livros, admirando ilustrações e até virando páginas, como se estivessem lendo em silêncio. Esta é mais uma evidência de que o comportamento do leitor pode ser formado desde tenra idade. Para crianças menores de 3 anos, a seleção cuidadosa dos trabalhos em função das imagens é fundamental: devem ser grandes, claras e atraentes, pois estimulam a participação.

Ler para as crianças é igualmente importante para elas se familiarizarem com o hábito da escuta. Os temas, é óbvio, devem estar de acordo com os interesses mais genuínos da idade, como afazeres cotidianos, bichos etc (BRESCIANE, 2007, p. 17).

Devemos incentivar nossos filhos a ler, mas como fazer isso na educação infantil? Como vimos na citação acima, é possível sim. Se olharmos de perto, podemos ver o interesse das crianças por livros pequenos. Eles simplesmente não sabem o que fazer. A tarefa maravilhosa, então, cabe aos professores, que é ler para eles, mas nunca proibi-los desse tipo de contato que lida com eles. Alguns adultos, até mesmo professores, dizem às crianças que não podem pegar livros porque podem rasgar ou rabiscar. Não proibindo-os de estudar, mas sempre incentivando-os a acessar os livros por meio de uma boa conversa.

Hoje, ser alfabetizado na sociedade significa uma mudança na situação social e cultural de um indivíduo, influenciada pela leitura e pela escrita. Como vimos, a alfabetização torna as pessoas críticas e participativas. Este

processo deve ser feito de forma independente. Isso significa considerar a linguagem no nível da compreensão. Todos terão mais ou menos conhecimento de leitura e escrita com base em seu uso diário.

[...] a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, por que não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrada (SOARES, 2004, p. 24).

Com base na contribuição de Soares (2004), percebe-se o quanto é importante e importante expor as crianças a diferentes tipos de materiais escritos regularmente. Como educadores, podemos incluir a exposição das crianças a revistas, cartazes publicitários, histórias em quadrinhos e outros materiais que essas crianças conhecem e estão em seu contexto social.

Para Soares (2004), um leitor letrado formula questões enquanto lê, ou seja, procura no texto as respostas às suas questões iniciais, seleciona trechos que atendam às suas necessidades, faz antecipações, faz críticas, estabelece relações com o seu conhecimento de mundo, considerando o que sabe advindo de outras áreas do conhecimento, reformula suas hipóteses iniciais, enfim, se apropria do texto. Nesse momento, o leitor, apropria-se da língua escrita e promove sua inserção cultural e social.

A alfabetização não pode ser reduzida a um aprendizado técnico - lingüístico, como um fato acabado e neutro, ou simplesmente como uma construção pessoal intelectual. A alfabetização passa por questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, sócio-cultural, política e técnica (FREIRE, 1983, p. 60).

Soares (2004), diz que o leitor letrado faz perguntas enquanto lê, ou seja, busca no texto a resposta à sua pergunta original, seleciona trechos que atendem às suas necessidades, antecipa, critica, constrói a partir de seu

conhecimento da relação com o mundo, levando em conta o que sabia de outros campos, reafirmou seus pressupostos originais e, por fim, apropriou-se do texto. Nesse momento, o leitor se apropria da linguagem escrita e facilita sua inserção cultural e social.

Um ambiente devidamente alfabetizado significa organizar a sala para que as crianças a vejam como onde moram, com recantos de leitura dedicados, repletos de todo tipo de material escrito que as prende e as motiva. Esse local deve estimular os professores a enfatizar textos de sua escolha por meio de atividades que leiam em voz alta para os alunos.

Nesta fase da educação infantil, as crianças recebem uma variedade de materiais que incluem a escrita e que apontam ser muito importantes no seu dia a dia. Dessa forma, eles entenderão o significado do rótulo e saberão para que serve a palavra escrita. No entanto, simplesmente colocar esses materiais em um canto de uma sala não é suficiente para transformá-la em um ambiente letrado. É necessário que os professores desenvolvam atividades que estimulem a leitura e a escrita. Desta forma, os professores podem realizar um trabalho de ensino e depois verificar os resultados diretamente com os alunos. Com certeza teremos futuros leitores entusiasmados.

2.1 O incentivo à leitura

A leitura desempenha um papel fundamental na socialização dos indivíduos. Por meio da leitura, adquirimos informações, ampliamos nosso vocabulário e desenvolvemos avaliações críticas. Dessa forma, o ato de ler induz o interesse por novos conhecimentos ao invés de restringi-los a um tema específico (RODRIGUES, 2015).

De fato, pode-se dizer que uma vez adquirido o conhecimento, ele é levado por toda a vida. Não há fórmula, só há um caminho a percorrer, e a prática da leitura infantil é por esse caminho. No entanto, o ato de ler só interessará à criança se fizer sentido para ela.

Importante registrar que o conceito de infância é decorrente de uma evolução histórica, constituída ao longo dos séculos. Ariès (1981, p. 21) pontua que, na Idade Média, “a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança”. Nessa linha, contemporaneamente, Heywood (2004, p. 22) conceitua infância como “uma abstração que se refere à determinada etapa da vida”.

Compartilhando da definição de Heywood, Kramer (2006, p. 13) reconhece a infância “como período da história de cada um, que se estende na nossa sociedade, do nascimento até aproximadamente dez anos de idade”.

Nesse contexto, a ludicidade merece grande destaque, considerando que esta “[...] se fundamenta sobre os pilares de quatro eixos de diferentes naturezas, isto é, sociológica, psicológica, pedagógica, e epistemológica” (COELHO, 2012, p. 2). No entanto, mesmo sendo bastante utilizado no contexto educacional, não há consenso quanto à conceituação do termo ludicidade, devido às diversas contradições.

Na concepção de Luckesi (2002), o lúdico consiste em um estado de consciência que transcende a experiência externa de alguém, incorporando os estados de prazer, emoção e facilidade que resultam de uma atividade plenamente realizada:

Quando estamos definindo ludicidade como um estado de consciência, onde se dá uma experiência em estado de plenitude, não estamos falando, em si, das atividades objetivas que podem ser descritas sociológica e culturalmente como atividade lúdica, como

jogos ou coisa semelhante. Estamos, sim, falando do estado interno do sujeito que vivencia a experiência lúdica. Mesmo quando o sujeito está vivenciando essa experiência com outros, a ludicidade é interna (LUCKESI, 2002, p. 6).

Dessa forma, entendemos que a ludicidade permite que a aprendizagem das crianças ocorra por meio do domínio cognitivo, o que é muito benéfico para o desenvolvimento da criança.

Assim, por envolver a ludicidade, a leitura “pode começar a fazer parte da vida das crianças na Educação Infantil” (BATISTA, 2013, p. 1). A criança faz uma viagem ao universo imaginário, diverte-se com cada leitura, proporcionando um aprendizado contínuo.

Segundo Rodrigues (2015, p. 243): “a leitura é uma das formas que a criança compreende e interpreta o mundo, trazendo enriquecimento cultural e social, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e psicológico, além de apropriação da linguagem”.

Em outras palavras, podemos dizer que, por meio da leitura, é possível formar cidadãos críticos, conscientes, cujo conhecimento pode ser repassado às gerações futuras; portanto, beneficia o desenvolvimento psicológico, social e cultural.

A infância é considerada uma fase da vida de descobertas, quando as crianças são cercadas por todo um novo universo, incluindo a leitura neste contexto. Para fomentar a prática da leitura, são apresentadas às crianças histórias que inspiram a imaginação, podem exemplificar os clássicos da literatura infantil, e as histórias dos personagens infantis que elas escolherem são lúdicas.

Os primeiros contatos da criança com os livros se dão pela curiosidade e pelo formato que eles podem possuir, e cabe ao educador possibilitar a ampliação de seus conhecimentos de leitura

oferecendo diferentes tipos de textos como: verbais (contos, fábulas, história em quadrinho) e os não verbais (charges, desenhos etc.) (RODRIGUES, 2015, p. 243).

Coelho (2000, p. 264) afirma que “a leitura é uma atividade mental e sensorial bastante complexa que exige exercícios gradativos de acordo com o nível de desenvolvimento global do educando”. Portanto, sendo o envolvimento da leitura na vida das crianças um processo contínuo, é fundamental inspirar e estimular as crianças a lerem para que as crianças tenham as mais diversas literaturas indicadas para sua idade.

Expor as crianças aos livros abre as portas para o conhecimento e proporciona aos futuros cidadãos mais conhecimento e capacidade de interpretar textos, falar com mais facilidade e ajustar sua fala ou linguagem em diferentes situações de comunicação.

Portanto, dada a importância da leitura, o ato de ler não deve ser oferecido às crianças como uma atividade de distração. É necessário enfatizar seu papel na mudança não só do indivíduo, mas também do meio em que ele se encontra.

[...] estamos com aqueles que dizem: sim. A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. [...] É do livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação de consciência de mundo das crianças e dos jovens (COELHO, 2000, p. 15).

De fato, nas séries iniciais, o ato de ler e ouvir histórias infantis constitui aprendizado e é uma oportunidade para desenvolver valores, conceitos e conhecimentos. Portanto, além de possibilitar que as crianças interajam

consigo mesmas e desenvolvam conhecimentos, também promove a formação crítica e consciente dos alunos.

Portanto, mesmo diante de todas as mudanças contemporâneas que trazem novidades a cada dia, a leitura continua sendo um ambiente propício ao desenvolvimento intelectual do indivíduo sem ter que abrir mão do progresso. É importante despertar o interesse do seu filho na prática diária de leitura.

2.2 Família

Como mencionado anteriormente, as crianças que lêem podem usar sua imaginação, posicionar-se como protagonistas culturais e aprender a socializar com os outros, facilitando a resolução de situações adversas. No entanto, essa capacidade de leitura e interesse não são fatores que as crianças têm desde o nascimento; elas precisam de motivação para estimular esses fatores. Este papel aplica-se não só às escolas e aos professores, mas também às escolas e aos professores. A família é a base desta tarefa.

Portanto, um dos maiores motivadores para as crianças lerem é a família, pois é no ambiente doméstico que as crianças têm livros, jornais, revistas e/ou recortes à mão, o que permitirá a percepção da função social da leitura. Por exemplo, a prática comum dos pais lerem histórias infantis para seus filhos é considerada um momento muito importante por ser o primeiro contato da criança com os livros.

Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...] Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão de mundo [...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, e viver

profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve (ABRAMOVICH, 1993, p. 16).

É compreensível que o próprio ato de contar histórias seja uma janela aberta para que as crianças se interessem pela leitura. As crianças ouvem mais o que seus pais fazem do que o que eles dizem. Portanto, é interessante que as crianças visualizem a leitura dos pais e leiam com entusiasmo, pois isso pode estimular a curiosidade das crianças e expandir sua criatividade. Os pais devem ser sensíveis o suficiente para recomendar materiais de leitura adequados para seus filhos: esta é uma oportunidade para conhecer melhor seus filhos. Como leitores, os pais ajudarão as crianças a escolher os livros de acordo com as preferências de seus filhos, de modo a cultivar o interesse das crianças pela leitura aos poucos.

Portanto, quando os pais leem histórias interessantes para seus filhos, eles estimulam o comportamento da leitura no ambiente doméstico, que é a fase em que a imaginação da criança floresce. Ela imagina uma história como uma realidade.

As primeiras histórias que a criança escuta vem de casa. Os pais, avós e também as babás que iniciam o primeiro contato com a criança contam historinhas para ninar, cantam músicas e cantigas infantis. Tudo isso é importante para a criança desenvolver o seu lado afetivo e sentimental (BATISTA, 2013, p. 1).

Nesse caso, podemos dizer que a família exerce grande influência na vida da criança. Mesmo com outros incentivos, o apoio familiar se reflete na vida escolar das crianças e no despertar por meio dos hábitos de leitura.

O estímulo à leitura deve ser iniciado com o hábito de ler em família, fazendo da leitura algo cotidiano, pois esse é um processo que a torna algo simples e natural. Mas a realidade é outra, muitas vezes, a família não participa da educação para a leitura (CASSIANO, 2009, p. 8).

Crianças que leem e são expostas à leitura desde cedo, principalmente na presença de familiares, muitas vezes têm aprendizado, pronúncia e comunicação mais fáceis e refinados. É através da leitura que as crianças desenvolvem a criatividade, a imaginação e adquirem cultura, conhecimentos e valores.

No entanto, a leitura é gratuita, as crianças devem ser incentivadas a escolher o que querem ler, nada deve ser imposto. Ir às livrarias e bibliotecas e escolher livros para elas é muito importante para despertar o gosto pelos hábitos de leitura.

Sabemos que muitas vezes os pais não têm motivação para a vida escolar dos filhos, então pelo prazer da leitura, isso está relacionado ao malfeitor da família, culpando a escola e os professores pela educação dos filhos.

O apoio e o incentivo dos pais e familiares são essenciais para a vida de uma criança, independentemente da forma, momento ou tempo que a família reserve para isso. São esses pequenos momentos que fazem uma grande diferença quando se trata de autoestima, segurança e fortalecimento de relacionamentos, escolhas de vida e hábitos. Existem momentos simples como ler, conversar, monitorar e outros exemplos que podem impulsionar o desenvolvimento intelectual e cognitivo de uma criança.

2.3 Escola

A escola tem significado na vida humana por ser uma instituição social com a função de constituir o indivíduo para a vida. Segundo Bamberger (1988, p. 69), “é na escola que identificamos e formamos leitores”.

O ambiente escolar é aquele em que o desenvolvimento e a aprendizagem são considerados, incluindo a troca de todas as experiências adquiridas entre alunos e professores. Assim, esse ambiente permite que as crianças demonstrem suas habilidades intelectuais e cognitivas.

No ambiente escolar, a literatura serve como uma ferramenta indispensável que possibilita à criança compreender seu ambiente e permite desenvolver a capacidade de interpretar diversas situações.

Dessa forma, é possível compreender a literatura como uma forma de entrada do indivíduo no mundo, proporcionando condições para o crescimento da criança, que inclui aprendizado, criatividade e alegria. A literatura mostra às crianças o mundo através das palavras. Segundo Santos (2010, p. 15), a literatura é um processo alegre contínuo que ajuda a formar um ser pensante, autônomo, sensível e crítico, e quando ele entra nesse processo alegre, gosta de diferentes histórias e textos, e contribui para a construção do conhecimento e o aprimoramento da imaginação.

O conhecimento pode ser difundido de várias maneiras. No entanto, a escola é considerada uma instituição sociocultural com a função básica de ampliar o conhecimento e promover o desenvolvimento pessoal por meio dos recursos de ensino, da leitura e do aluno.

Zilberman (2001) apud Silva (2003, p. 49) defende que a leitura possibilita ao ser humano pensar e agir livremente, combatendo o autoritarismo e outros “ismos” que marcam a representação da injustiça social. Nesse sentido, a educação e as escolas desempenham um papel muito importante.

O compromisso da escola baseia-se no desenvolvimento de propostas de trabalho, incluindo conceitos, valores, crenças e expectativas (MOTA, 2006).

Desse modo, “as práticas de leitura desenvolvidas no interior da escola serão o reflexo da tensão entre o que efetivamente se realiza e o projeto de sociedade, de escola e de cidadão que se almeja” (SANTOS, 2010, p. 16).

É importante ressaltar que, dentro das escolas, a leitura só se faz para aprender português (língua materna) e adquirir informações e conhecimentos sobre assuntos específicos, não dando, portanto, o valor que merece para a leitura, bem como para diversas obras literárias.

Esse conceito pode e deve ser modificado por meio do desenvolvimento de projetos que ressignifiquem a prática docente, de modo que a literatura seja compreendida, principalmente nas escolas, como parâmetros inseridos nas crianças, promovendo o desenvolvimento pessoal. Para Oliveira e Queiroz (2009, p. 2), o ensino da leitura deve ir além da abordagem monótona, mecânica e muitas vezes descontextualizada empregada em muitas escolas, e deve contribuir para a formação de um espírito crítico e consciente, interpretativo. realidade e participação ativa na sociedade.

Desta forma, destaca-se a importância da constante inserção da leitura no ambiente escolar, proporcionando ao aluno a exposição diária a diversos trabalhos que podem auxiliá-lo em atividades futuras. A prática da leitura possibilita que as crianças compreendam o conteúdo literário e, assim, tornem-se críticas e atuantes na construção do conhecimento; caso contrário, são apenas repetidoras de informações.

Paulino e Cosson (2004, p. 112) defendem que a escola deve ter como premissa a formação de leitores maduros e críticos que convivam com a experiência, ele está recriando, performando e dialogando com textos como parte da recepção da obra.

Dessa forma, pode-se dizer que estimular a leitura e cultivar futuros leitores são tarefas básicas da escola. Dada a importância, ao enriquecer o interesse pelos hábitos de leitura escolar de forma criativa e crítica, este espaço configura-se como um ambiente substantivo para a construção do “mundo da leitura”, da palavra “mundo da leitura” (Fryer, 1983 2009).

Delmanto (2009) apud Gonçalves (2013, p. 14), diz que as escolas precisam fornecer ao aluno as ferramentas necessárias para que ele possa pesquisar, analisar, selecionar, relacionar e organizar as informações complexas do mundo contemporâneo.

As escolas possuem bibliotecas ou ambientes reservados à leitura em sua estrutura física. A coleção de livros disponíveis na biblioteca permite que as escolas emprestem livros por um período determinado. Nesse ambiente, os alunos são livres para escolher os livros que desejam de acordo com suas preferências.

É importante que os alunos tomem a iniciativa de pegar um livro. Para isso, deve haver empréstimos e acesso fácil aos livros. Nesse sentido, Santos (2010, p. 17) aponta que é bom ter um acervo diversificado, incluindo livros, revistas, jornais, histórias em quadrinhos. Organize e dimensione de acordo com a coleção de recursos de cada escola. Tamanho, cantinho de leitura ou estante, ambiente próprio ou adaptado, para uso coletivo por escola ou turma individual. Tudo depende das condições de cada instituição, mas o importante é fazer a diferença. Sempre que possível... mesmo que sejam apenas recortes de revistas, jornais ou livros reutilizados.

A possibilidade de levar o livro escolhido para casa e lê-lo quando e onde quiser é de grande valia para a formação de futuros leitores. O aluno usa sua autonomia. Mesmo não sendo obrigado a praticar a leitura, o indivíduo

pode dar instruções, repassar suas experiências, trocar livros entre amigos, etc., incorporando assim a prática da leitura em sua vida.

2.4 Professor

Para que as escolas atinjam o objetivo traçado de estimular a prática da leitura, parece-nos fundamental separar a função dos cargos da estrutura de ensino. O papel do professor é apresentar aos alunos o comportamento característico dos leitores, portanto, deve ser explicado em sala de aula para engajar os alunos nas atividades de leitura realizadas pelo professor e construir relações entre os leitores (SANTOS, 2010).

O professor apresenta às crianças o comportamento do leitor por meio da leitura, para que as crianças se familiarizem com o mundo literário. É importante garantir que os momentos de leitura sejam agradáveis e divertidos para os alunos, preparar-se para ler, planejar intervenções construtivas e interpretativas, organizar todo o ambiente (incluindo o personagem do aluno) e identificar momentos de pausa para leitura.

Desse modo, é primordial que o professor se revele como um leitor ativo, sendo perceptível a atuação negativa do professor que não possui experiência com a leitura. Professor não leitor obstaculiza a relação do aluno com a prática da leitura, visto que “quem não garimpa livros antes da indicação e da adoção nem sempre vai escolher títulos realmente capazes de sensibilizar os alunos” (ROGÉRIO; VIDIGAL, 2016, p. 1).

Zilberman (1996, p. 28) destaca a importância de que os professores pressuporem leitores em suas atividades de leitura. Não apenas uma pessoa alfabetizada, mas alguém que certamente lê regularmente produtos como jornais, revistas, folhetos sobre medicamentos, quadrinhos, romances ou

poesia. Os professores precisam reconhecer que são leitores e gostam de se conhecer nessa situação. Ele então se diverte passando o sabor para os alunos, verificando se eles o apreciam. Esse momento é um pouco difícil porque geralmente as crianças e os adolescentes tendem a rejeitar a leitura por confundir com os livros escolares e a obrigação de aprender. Se o professor quebrar o gelo, há certeza de que ele conseguirá seguir em frente.

A prática da leitura em ambiente escolar tende a ter resultados negativos. Dada a imposição e a exigência do professor sobre quais livros os alunos deveriam ler em sala de aula, as crianças abandonam reflexivamente os livros; conseqüentemente, muitos alunos encaram o ato de ler apenas como uma tarefa escolar (prova ou trabalho).

Cunha (1998, p. 53) afirma que: “gostar ou não da literatura, como de qualquer outra experiência, não é um dado biológico de nascença. Se essa característica é da história de cada um, cabe-nos, como educadores, influir o melhor que pudermos nesse dado cultural”.

Segundo Smith (1999, p. 15): “a leitura não pode ser ensinada, mas, apesar disso, os professores e outros adultos tem um papel decisivo a desempenhar e é deles a grande responsabilidade de tornar possível a aprendizagem da leitura”. Como mencionado anteriormente, o grande orientador da leitura é o professor, pois o papel do professor é estimular o interesse dos alunos pela prática da leitura desde cedo, para que compreendam a literatura como uma forma de aprender a ler, a ler, a escrever, e obter um bom conhecimento educacional necessário.

Sempre que um livro for lido em sala de aula, além de ensiná-lo a tornar a leitura prazerosa, o professor deve procurar colocá-lo em uma situação que desperte o interesse do aluno. Desmistificando a leitura e tornando este livro

verdadeiramente um objeto de lazer, entretenimento e, no melhor sentido, um grande companheiro do nosso dia a dia.

Rodrigues (2015, p. 244) explica que “o ato de ler não é apenas conhecer as letras do alfabeto, mas a interação entre o leitor e o texto, e a base para desenvolvimento das crianças”, considerando que o aluno que alcança a compreensão do texto lido tende a maior facilidade para interpretar e apresentar suas ideias no meio em que está inserido.

Segundo Albuquerque (2010, p. 20), quando uma criança lê, ela toma o texto como seu, podendo concordar ou discordar do que está expresso no texto escrito, fazer comentários, acrescentar outras reflexões que imaginar são Mesmo as partes que você acha que não são relevantes ou que você não entende são omitidas com base no que você acabou de decifrar.

Isso demonstra a importância de desenvolver práticas de leitura cotidianas em sala de aula, envolvendo todos os alunos, a fim de promover a integração das crianças nos comportamentos de leitura e promover o desenvolvimento intelectual, cognitivo, psicológico, social e cultural. dentro.

Assim, o hábito da leitura é formado na infância por meio de fantasias e imaginação. No entanto, essa estrutura positiva deve dar sentido em outras leituras e despertar os alunos para a diversão.

2.5 A leitura na Educação Infantil nos documentos oficiais

LDB, em seu art. 29. Determina: A educação infantil é a primeira etapa da educação básica destinada ao pleno desenvolvimento físico, mental, intelectual e social das crianças menores de cinco anos, complementando a ação familiar e comunitária.

Para que o aprendizado ocorra, é imprescindível compreender o que está sendo expresso, relacioná-lo com as experiências anteriores do aluno, permitir questionamentos que estimulem mais aprendizado, estabelecer relações entre fatos, objetos, eventos, conceitos e conceitos, desencadear mudanças e ter ajuda no uso o que você aprendeu em diferentes situações. Assim, sendo a aprendizagem significativa, critérios avaliativos decorrerão de objetivos claros acerca de conteúdos que são efetivamente relevantes dentro de cada disciplina, “a partir dos mínimos necessários para que cada um possa participar democraticamente da vida social” (LUCKESI, 2005).

A aprendizagem significativa é o processo que ocorre entre a composição esperada do conteúdo previamente aprendido ou absorvido e a forma como isso afeta a forma como o novo conteúdo é recebido. Estas, por sua vez, passam a influenciar informações antigas, tornando a aprendizagem cognitiva, ou seja, integrando o conteúdo da aprendizagem em uma estrutura mental ordenada. Nesse processo, há uma interação, cujo resultado tanto modifica a nova informação, que passa a ter sentido, quanto o conhecimento específico, existente, relevante na estrutura cognitiva do objeto de aprendizagem individual (Moreira, 2001).

A palavra lúdico vem do latim *ludus*, que significa brincar, mas, a partir da pesquisa psicomotora, esse significado foi ampliado para que não seja mais considerado brincar. Em uma extensão divertida, o aprendizado se dá por meio de jogos, brinquedos e brincadeiras que tendem a promover o desenvolvimento absoluto do aluno.

As atividades lúdicas são pensadas para gerar alegria, diversão, e ao realizar tais atividades, nota-se que é acompanhada de inúmeras brincadeiras que enriquecem o conhecimento na educação de forma prazerosa. Na

educação infantil, o brincar proporciona às crianças uma gama de desenvolvimento benéfico que desencadeia seu aprendizado.

Os professores devem encontrar formas de contribuir para a formação cívica, refletindo sobre suas práticas pedagógicas e engajando-se em atividades lúdicas para que os alunos aprendam brincando. De acordo com Freire (1996, p. 59), “Saber que deve respeito à autonomia do educando exige de mim uma prática coerente”.

Desde que sejam oferecidas atividades lúdicas de alta qualidade, o educador tem a ampla responsabilidade de compreender plenamente a pedagogia do brincar em sala de aula, pois ele é responsável pelo avanço do processo de ensino. Ele tem a responsabilidade de desenvolver novas práticas educacionais que permitam que as crianças aprendam mais. “A participação em jogos representa uma conquista cognitiva, emocional, moral e social para a criança e um estímulo para o desenvolvimento do seu raciocínio lógico” (Brasil, 1997, p. 49).

2.6 Educação Infantil um espaço de aprendizagem

Desde o nascimento, as crianças já mostram que têm personalidade própria. Os bebês vêm ao mundo prontos para relacionamentos, inicialmente limitados às mães e familiares mais próximos.

O desenvolvimento social refere-se à socialização da criança com os outros e à participação em atividades em grupo, ou seja, aprender a conviver com os outros em diferentes situações, como conviver com os outros, revezar-se, etc. Inicialmente, recomenda-se desenvolver relacionamentos em pequenos grupos. A criança exibe seu comportamento social na escola imitando o comportamento de seus pais em casa.

Se a criança está desde o nascimento imersa em um contexto social que a identifica como figura histórica e pode ser transformada por ela, é importante superar argumentos biológicos e comportamentais que idealizam a criança e suas possibilidades educativas. Wajskop (2001, p. 25) apontou que a criança se desenvolve por meio da experiência social, nas interações que estabelece desde a infância, com a experiência sócio-histórica dos adultos e com o mundo que eles criam. Dessa forma, o brincar é uma atividade humana que se introduz na criança, constituindo uma forma de assimilar e reconstruir a experiência sociocultural adulta.

A criança está perfeitamente livre de qualquer tipo de objeto físico enquanto brinca, porque sua imaginação compensa sua falta. Os brinquedos, principalmente os industrializados, são úteis ferramentas lúdicas que ajudam a desenvolver a personalidade da criança em cinco áreas:

- *Afetividade*: bonecas, carrinhos, ursinhos, super-heróis, são brinquedos que favorecem a dramatização de situações da vida adulta e equacionam problemas afetivos na criança;
- *Motricidade*: tanto a fina quanto a ampla se desenvolvem através de brinquedos como bicicleta, bolas, *skates*, patinetes, chocalhos, jogos de encaixe e de empilhar etc.;
- *Inteligência*: o raciocínio abstrato-lógico evolui através de jogos tipo quebra-cabeças, memória, xadrez, construções, estratégia etc.;
- *Sociabilidade*: a criança aprende a situar-se entre as outras, a se comunicar e interagir através das brincadeiras com todo tipo de brinquedos;
- *Criatividade*: desenvolvem-se através de brinquedos como oficina, marionetes, jogos de montar, disfarces, esconde-esconde, instrumentos musicais etc.

Os brinquedos são fundamentais para o desenvolvimento físico, intelectual e emocional de uma pessoa, ou seja, o brincar é fundamental para o desenvolvimento global de uma pessoa, pois o desenvolvimento de habilidades no brincar e brincar vão gradualmente desempenhar um papel na vida de uma criança. , desde o mais prático até as regras.

Segundo Lima (2001, p. 16), “o espaço é muito importante para a criança, pois muitas das aprendizagens que ela realizará em seus primeiros anos de vida estão ligadas aos espaços disponíveis e/ou acessíveis a ela”. Portanto, o espaço deve ser organizado de forma que desafie a criança cognitivamente, socialmente e motoramente, dando-lhe a oportunidade de caminhar, subir, descer e pular em poucas tentativas.

Dessa forma, as crianças aprenderão a controlar o próprio corpo, ambiente que estimula seus sentidos, permitindo que recebam estímulos do ambiente externo, como o cheiro das flores, o cheiro da comida sendo preparada.

De acordo com Horn (2004, p. 70): “o brinquedo sempre fez parte da vida das crianças, independentemente de classe social ou cultural em que está inserida”. O hábito de brincar é inerente às crianças. Mesmo enquanto comem, as crianças brincam com a comida. Assim, ao dar à criança diferentes espaços para brincar e agir dentro do espaço, proporcionará novos desafios e, na mesma medida, permitirá que a criança se torne agente de sua própria aprendizagem de forma mais lúdica.

Brincar ou jogar auxilia o aprendizado; por meio dele, as crianças podem perceber como ocorrem as relações, explorar e desenvolver conceitos sobre o mundo físico e construir novas percepções da realidade. Por ser de natureza dinâmica, a brincadeira permite comportamentos espontâneos e

improvisados, pois as normas podem ser criadas pelos participantes e a direção da brincadeira é determinada pelas crianças, levando em consideração grupos e contextos.

Autores que estudam a extensão da interação social por meio do brincar afirmam que as crianças são construídas como indivíduos diferentes dos outros quando brincam, expostas a diferentes papéis sociais e evoluídas em termos de diferenciação eu-outro (ALMEIDA, 1995; CARVALHO, 1981; CARVALHO, 1989).

Claro, não é apenas o desenvolvimento social que é enriquecido nos jogos. Podemos imaginar a criança engajada em uma atividade que requer raciocínio, geração de hipóteses e resolução de problemas; mesmo em qualquer jogo em que ela tenha potencial para acumular conhecimento e enriquecer o desenvolvimento intelectual (PIAGET, 1978).

A infância é uma das fases mais complexas do desenvolvimento emocional, intelectual, motor e social do ser humano. Portanto, acolher e se adequar às crianças nos primeiros passos da escola não é tarefa fácil para os educadores, pois lidam diretamente com as inseguranças das crianças e as expectativas dos pais.

O principal desafio nesta fase é a mudança nas brincadeiras, jogos e relacionamento com os colegas, não apenas um local agradável. O ambiente escolar deve ser um espaço estimulante e emocional para a criança.

As brincadeiras e os jogos são maneiras que a criança encontra para expressar o que sente, pensa e todas as suas vontades. Durante estas atividades, a criança vai se socializando e respeitando as diferenças de cada um.

Brincar ou jogar auxilia o aprendizado; por meio dele, as crianças podem perceber como ocorrem as relações, explorar e desenvolver conceitos

sobre o mundo físico e construir novas percepções da realidade. Por ser de natureza dinâmica, o jogo permite comportamentos espontâneos e improvisados, pois as regras podem ser criadas pelos participantes; a direção do jogo é determinada pelas crianças, levando em consideração o grupo e o ambiente.

O educador deve utilizar os jogos em sala de aula como uma ferramenta através da qual ele pode se ajustar para abranger o que está sendo ensinado. Vale lembrar que mesmo em meio a dificuldades e escolas sem recursos, os educadores em sala de aula vão superar a situação e proporcionar aos alunos um ensino de qualidade e prazeroso. Daí a importância de sempre manter a harmonia professor x comunidade escolar para que possam trabalhar juntos para melhor atender a comunidade como um todo, proporcionar um ambiente agradável e de qualidade de ensino, e buscar o lazer completo para todos os alunos.

O brincar na aprendizagem deve ser sempre acompanhado para que o aluno possa utilizar seus conhecimentos através do brincar ou brincadeira; portanto, é muito importante que o educador tenha sempre um objetivo em cada jogo ou brincadeira, pois serão ferramentas para seu trabalho na sala de aula.

Vale ressaltar que o desempenho é fundamental para o desenvolvimento dos alunos, portanto, o trabalho conjunto na educação infantil é fator decisivo para um trabalho de qualidade. O ideal é buscar ajuda constantemente para que as atividades de ensino não caiam na mesma situação.

Não podemos esquecer que, por meio do brincar, as crianças constroem normas organizacionais, de respeito, de compreensão, aprendendo a conviver em grupo, respeitando o espaço do outro e desenvolvendo o desenvolvimento

físico, emocional, cognitivo e social. Por isso, é muito importante valorizar a jogabilidade em sala de aula e trabalhar com valores muito importantes através do brincar.

2.7 Leitura e ludicidade

Sabendo que “a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas, a maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola (CAGLIARI, 2001, p. 148).

Segundo Cagliari (2001, p. 148): “a leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”. Portanto, crianças e adolescentes devem ser estimulados a se interessarem em pesquisar novos materiais de leitura. É importante que eles compreendam as ideias do texto para ir além da sala de aula.

Ler de diferentes maneiras tem a vantagem de tornar a leitura divertida, estimula e desenvolve com facilidade a escrita, aumenta o vocabulário, auxilia a memória, etc. A partir do que a leitura pretende alcançar, construir sentido para o texto e trazer aos jovens uma nova perspectiva e compreensão do meio em que vivem.

Para Smith (1989) apud Braga (2002, p. 27), “o significado da palavra ‘leitura’ depende de tudo que está ocorrendo, não somente do que está sendo lido, mas do porquê”.

A leitura é uma prática do escritor, e a alfabetização é mais do que apenas alfabetizar e ensinar a ler e escrever: são dois elementos que requerem contexto para serem compreendidos. A escrita é um processo de formação do conhecimento e, à medida que a leitura avança, os indivíduos se transformam. Tfouni (1995, p. 10) aponta que a escrita é um resultado típico da atividade humana no mundo, tanto que este livro, o mais completo subproduto da

escrita, é retirado da metáfora do corpo humano: fala-se nas “orelhas” do livro; na página de “rosto”; nas notas de roda-“pé”, e o capítulo nada mais é que a “cabeça” em latim.

“Aprender a ler e escrever (...) tem consequências sobre o indivíduo e alteram seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos” (SOARES, 2009, p. 17-18). O que se percebe, portanto, é uma mudança na inteligência do indivíduo, pois o que ele não controla passa a tomar forma cognitiva na realidade de uma pessoa que entra no mundo do aprendizado da leitura e da escrita.

Para Vygotsky (1994, p. 133), a instrução deve ser organizada de tal forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias para as crianças [...], devem ter significado [...], devem ser incorporadas Tarefas necessárias, intimamente relacionados com a vida. Só então podemos ter certeza de que não se tornará um hábito de mãos e dedos, mas uma nova e complexa forma de linguagem.

Com isso, os jogos não são mais vistos apenas como um jogo, mas como uma necessidade do comportamento humano, trazendo diversão e possibilidade de aprendizado.

Para Luckesi, jogar é uma atividade completa que dá autonomia a todos. Ele acredita: Eu costumo definir atividades divertidas como atividades que proporcionam uma “experiência rica”. A maior característica da ludicidade é permitir que aqueles que a experimentam em suas ações experimentem uma sensação de realização. O brincar traz alegria para quem está disposto a experimentá-lo (LUCKESI, 1998, p. 27).

A leitura auxilia na aquisição da linguagem falada e escrita, e é por meio da leitura e da escuta de histórias que as crianças desenvolvem seu potencial criativo e crítico, são capazes de estimular a curiosidade e o foco e, assim, oportunizar a interiorização. Conhecer uma nova história é conhecer um novo mundo e uma cultura diferente. Aprender a ler é um processo inerente a todo ser humano - permite-lhe desenvolver as competências fundamentais para a sua educação e vida social.

2.8 A importância do brincar no desenvolvimento cognitivo

Para Antunes (1998, p. 16), “O brincar da criança permite ao educador diagnosticar seu estágio de desenvolvimento, seus desejos”. Este tópico permite teorizar a relação entre este desenvolvimento e a cognição e a inteligência.

Ainda de acordo com esse mesmo autor cada criança é semelhante em alguns aspectos a inúmeras outras crianças e muito singular em outros. Ele se desenvolverá ao longo da vida como resultado de uma evolução extremamente complexa que combina pelo menos três caminhos: evolução biológica, dos primatas ao homem, evolução histórica e cultural, que leva a uma transformação gradual do homem, de hominídeo ao homem contemporâneo, e o desenvolvimento individual (ontogênese) de uma determinada personalidade, passam por inúmeras fases desde a infância até a idade adulta.

Essas crianças se adaptam e se envolvem com suas culturas de maneiras extremamente complexas que refletem a diversidade e riqueza dos seres humanos, e têm a capacidade de se recuperar de circunstâncias difíceis ou experiências estressantes, adaptar-se às suas circunstâncias e, assim, adaptar-se aos desafios da vida . . . No entanto, esse poder de recuperação humana não

significa que os eventos traumáticos da infância possam estar sempre isentos de consequências emocionais graves e às vezes irreversíveis, mas, por outro lado, eventos posteriores podem alterar gradualmente alguns dos resultados dessas experiências. Em suma, o meio ambiente e a educação são essenciais, o resto, quase nada. Ambientes estimulantes e educação estimulante ajudam a superar muitas privações e mitigar os efeitos das consequências emocionais.

No entanto, para Antunes (1998), a importância do meio ambiente e da educação precisa ser percebida em uma dimensão expressiva, mas não infinita. Nenhuma criança é uma esponja passiva, absorvendo o que lhe é apresentado. Em vez disso, eles moldam ativamente seu ambiente, tornando-se agentes de sua criação e das forças ambientais que eles mesmos ajudaram a moldar. Em suma, o ambiente e a educação fluem do mundo exterior para a criança e da própria criança para o seu mundo.

Desde o nascimento, as antenas inatas de um bebê podem interferir no relacionamento dos pais e professores com essas crianças. Mesmo a mãe mais desinformada sabe que alguns bebês são comunicativos, fechados, ativos, calmos, distantes e conectados. A adaptação entre adultos e crianças cria artificialidade mútua. Todos os jogos destinados a estimular as inteligências múltiplas só funcionam se forem centrados no indivíduo.

Em outras palavras, cada jogo pode ser usado por muitas crianças, mas seu impacto na inteligência é sempre individual e não pode ser generalizado.

Os aspectos cognitivos de uma criança se desenvolvem durante as relações/comunicações que ocorrem entre a criança e os outros, diferentemente do desenvolvimento físico, onde os determinantes são inatos. Assim, as crianças não possuem comportamentos inatos, suas atitudes são o resultado de suas interações com o ambiente.

O trabalho de educação infantil sugere que se dê prioridade à construção e reconstrução do conhecimento a partir do comportamento, das atividades e das interações da criança consigo mesma, com os outros e com o ambiente em situações específicas.

Cabe ao educador estimular a capacidade da criança de pensar, raciocinar, lembrar de informações e resolver problemas. Deve também ser sempre capaz de ouvir o que as crianças têm a dizer, responder às suas perguntas e levá-las a refletir para descobrir as suas próprias respostas.

Facilitar o desenvolvimento de uma criança também significa compreender as habilidades específicas de sua faixa etária e criar desafios adequados a essas habilidades.

É importante considerar que crianças da mesma faixa etária podem estar em diferentes estágios de desenvolvimento psicológico e se desenvolver em ritmos diferentes durante esses estágios. Na Educação Infantil, portanto, as atividades precisam ser livres, permitindo às crianças vivenciar e vivenciar espaços e objetos, construindo e reconstruindo seus saberes.

Os objetivos político-pedagógicos defendidos por Paulo Freire poderiam levar a uma revisão da estrutura da educação infantil no Brasil, embora suas ideias ainda pudessem abranger uma gama de atividades e conteúdos que equilibram os aspectos técnicos da alfabetização com as grandes dimensões da educação infantil. Essa revisão deve começar com a construção do ambiente de alfabetização em sala de aula.

Na construção de um ambiente letrado, temos as crianças, neste caso o principal componente; em seguida, o professor, como referência para leitores e escritores, realiza atividades instrucionais de leitura e escrita por meio de sua mediação e intervenção.

Também neste ambiente, outros recursos físicos devem ser tratados para ajudar as crianças a descobrir códigos de escrita e outros recursos para desenvolver eloquência, consciência crítica e criatividade. Para tanto, este espaço físico deve ser um local privilegiado, bem iluminado e muito confortável. Também neste espaço devemos ter professores que devem ser acompanhados por uma coordenação que, por sua vez, deve manifestar o desejo de uma educação igualitária para todos. A luta pela libertação deve caracterizar o educador. A educação nas escolas públicas é um direito dos cidadãos brasileiros e deve ser levada a sério. Ao introduzir ambientes de alfabetização nas escolas públicas, transformaremos essa educação inicial e tão importante.

Para que os alunos construam a linguagem falada e escrita, deve haver interação e engajamento na experiência pessoal, pois parte de seu ambiente ganhará melhor significado e trará dimensões específicas.

Este livro demonstrou a necessidade de uma estrutura para viabilizar ambientes de alfabetização. Para isso, os recursos devem ser organizados de forma que a criança possa se movimentar livremente e ter acesso a materiais didáticos que ela possa utilizar.

Refletir sobre a organização dos espaços de aprendizagem exige do professor a fundamentação e orientação sob o conceito de uma metodologia diferenciada para o planejamento das atividades desenvolvidas no contexto da construção do conhecimento.

Esse processo educativo deve se dar em conjunto, em parceria e então terá a direção da Pedagogia Libertadora de Freire. É possível compreender essas posições de Freire e introduzir a libertação para transformar a educação brasileira.

Neste livro, podemos ver duas situações diferentes. A primeira é que a professora sabe o que é um ambiente de alfabetização, sabe como usá-lo para transformar a aprendizagem e vê nas crianças o desejo de aprender a ler e escrever. Então seu objetivo é alcançado.

O professor precisa entender que o aluno é um sujeito de conhecimento, uma pessoa que trouxe sua experiência para a sala de aula, o que pode trazer um novo sentido à educação. A educação como matéria-chave e com autonomia. Lembre-se das palavras de Freire, em que o aprendizado se dá pela leitura do mundo que cada um cria e traz para a escola. As leituras, realizadas desde o momento da concepção, devem ser consideradas importantes como um todo e, em seguida, devem ser incorporadas ao currículo.

Neste momento tão importante para as crianças, a introdução da escolarização, surgem novidades a par do que trazemos do nosso quotidiano. Claro que o que importa não é a prisão da educação tradicional, mas a autonomia individual.

Os desafios que enfrentamos como professores nos dão motivos de enfrentamento que certamente abrirão novos caminhos para a emancipação das massas marginalizadas, ávidas por promover sua humanização e, quem sabe, a emancipação de si e de seus opressores.

Somente com essa ideia nós educadores podemos criar um futuro melhor para esses alunos que buscam a tão esperada libertação. Por meio de uma atitude que cria uma sensação de segurança nos alunos, pode ser o início de uma trajetória escolar de sucesso, que se inicia na educação infantil. A emancipação desse sujeito se dá em uma pedagogia em que os oprimidos consigam conquistar sua autoestima e valorizar sua condição histórica.

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1993.
- ALBUQUERQUE, M. P. A leitura e a atuação do professor das séries iniciais. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.
- ANTUNES, Celso. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BAMBERGER, R. Como incentivar o hábito de leitura. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1988.
- BATISTA, I. M. A leitura na Educação Infantil. Disponível em <http://www.ijui.com>. Acesso em 18/05/2022.
- BECKER, Fernando. Da ação à operação: o caminho da aprendizagem em Piaget e Paulo Freire. Porto Alegre: Palmarina, 1993.
- _____. A Epistemologia do Professor: o cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BRASIL. MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997.
- BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional.
- BRAGA, Regina Maria. Construindo o leitor competente. Atividades de leitura interativa para a sala de aula. 2ª ed. São Paulo: Peirópolis, 2002.
- BRESCIANE, Ana Lúcia. Formadora do Instituto Avisa Lá. (Revista Nova Escola – edição especial no. 15. AGOSTO 2007).
- CAGLIARI, Luiz C. Alfabetização e Linguística. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- FERREIRO, Emília. Reflexões sobre Alfabetização. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Professora, sim tia, não: cartas a quem ousar ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. Ação Cultural para a Liberdade. 3ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREINET, Célestin. Pedagogia do bom senso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GADOTTI, Moacir. História das Idéias Pedagógicas. São Paulo: Ática, 2004.

HORN, Maria da Graça de Souza. Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HEYWOOD, C. Uma história da infância. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis de anos de idade. Brasília: FNDE, 2006.

_____. Com a Pré-Escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. São Paulo: Cortez, 1995.

LERNER, Delia. Ler e escrever na escola. Ed. Artmed, Porto Alegre, 2004.

LUCKESI, C. C. Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. Salvador: GEPEL, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faced/UFBA, 2002. (Coletânea Educação e Ludicidade – Ensaios 2).

_____. Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade. In: PASSOS, Elizete Silva (Org.). Cadernos de Pesquisa NUFIHE. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA, v. 1, p. 09-25, 1998.

LIMA, Elvira de Souza. Como a criança pequena se desenvolve. São Paulo: Sobradinho, 2001.

MACEDO, Lino de Macedo - Revista Nova Escola. Ed. Especial no. (15, agosto, 2007).

MACIEL, Diva Albuquerque. Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Leitura e da Escrita. Vol. I. Brasília: UNB-CEAD, 2004.

MORETTO, Vasco Pedro. Construtivismo: a produção do conhecimento em aula. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. Pesquisa PNUD, in Carta Capital, n. 346, p. 20, 2004.

MOREIRA, Marco Antônio; MASINI, Elcie Salzano. Aprendizagem Significativa – a Teoria de David Ausubel. São Paulo: Centauro, 2001.

PIAGET, Jean. et al. Educar para o futuro. Trad. Rui B. Dias. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

RODRIGUES, S. M. A prática da leitura na Educação Infantil como incentivo na formação de futuros leitores. Eventos Pedagógicos, v. 6, n° 2 (15ª ed.), p. 241-249, jun./jul. 2015.

SANTOS, Fabiana Marinho. Revista Nova Escola. Ed. Especial no. (15, agosto, 2007).

SCARPA, Ester Mirian. Intonação e processos dialógicos: fusão ou diferenciação?, in Aquisição da linguagem, Série Estudos, no. 11, Uberaba, MG, 2006.

SILVA, E. T. da. Elementos de pedagogia da leitura. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SOARES, Magda. Letramento, um tema em três gêneros. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TEBEROSKY, Ana. Revista Nova Escola (Entrevista concedida em 2005).

TFOUNI, Leda V. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez. 1995.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. A Epistemologia do Professor: o cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. Pensamento e Linguagem. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WAJSKOP, G. Brincar na pré-escola. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ZIEGLER, Maria Fernanda. Revista Nova Escola. Ed. Especial no. 15, (agosto, 2007).